

W. R. Bion

A obra complexa

CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

W. R. Bion

A obra complexa

Arnaldo Chuster

Gustavo Soares

Renato Trachtenberg



Editora Sulina

© Autores, 2014

Capa:
Humberto Nunes

Editoração:
Vânia Möller

Revisão:
Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica:
Marcelo Rubin de Lima

Editor:
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Biblioteca Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

C563w Chuster, Arnaldo
W. R. Bion: a obra complexa / Arnaldo Chuster, Gustavo
Soares e Renato Trachtenberg. -- Porto Alegre: Sulina, 2014.
230 p.

ISBN: 978-85-205-0709-4

1. Psicanálise. 2. Psiquiatria. 3. Complexidade – Psicologia.
I. Soares, Gustavo. II. Trachtenberg, Renato. III. Título.

CDD: 616.89
616.891.4
CDU: 101
159.964.2
616.89

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (51) 3311-4082
Fax: (51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Julho/2014
IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

À memória de David Epelbaum Zimerman.

*Eu espero poder ter dado a vocês alguma
ideia do enorme trabalho que é preciso realizar
para atendermos pacientes e para atingir
um estado mental que é compatível
com o exercício da psicanálise.*

Bion, Conferências Brasileiras de 1974.

Sumário

11	Prefácio, <i>Roosevelt Cassorla</i>
21	Introdução
29	1. A obra complexa
65	2. A preconceção, a passagem pré-humano/humano: uma mudança de paradigma na psicanálise
83	3. A mente do analista no campo complexo
89	4. Consequências da adoção do objeto complexo
97	5. Uma Grade Negativa: complemento de uma teoria do campo complexo
115	6. Aspectos detalhados de uma Grade Negativa: a maldade e a complexidade do mal
135	7. A complexidade nas diferenças entre ética e moral: reflexos no trabalho analítico
149	8. Psicanálise como complexidade: uma teoria das transformações
159	9. Decisão e método no campo analítico: as escolhas de teorias psicanalíticas
169	10. Uma clínica dos limites humanos: imaginação e linguagem de êxito
173	11. A transferência como um sonhar
185	12. O modelo complexo da transferência: o espectro turbulência emocional/cesura
201	13. A imaginação do analista e a imaginação radical

213	Conclusão
215	Anexo
219	Referências
223	Índice de títulos da obra de Bion

Prefácio

Roosevelt Cassorla¹

Conta-se que Einstein percorria seu laboratório quando um jovem discípulo o seguia, ansioso, para mostrar-lhe uma fórmula. De acordo com o jovem, esta fórmula resolveria um difícil problema. Einstein, estando muito ocupado, solicitava que o jovem esperasse um pouco. Mas, de forma inconveniente, esse insistia em ter sua atenção. Em determinado momento, cansado do assédio, Einstein interrompeu suas atividades e pediu que o jovem lhe mostrasse sua descoberta. Olhando rapidamente a fórmula, Einstein disse: “Está errada”. O jovem, decepcionado, lhe perguntou: “Por quê?”. Ao que Einstein respondeu: “Porque é uma fórmula muito feia!”.

A situação acima pode servir de modelo a aspectos estudados pelos autores deste livro. Uma das formas de aproximação com a verdade é a beleza. O vértice estético revela *preconcepções* que antecipam e buscam o belo na natureza e na vida. A impaciência do discípulo revela o ataque à sua capacidade de

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas. Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

aguardar que suas experiências emocionais se conjugassem de tal forma que surgisse o *fato selecionado* criativo. Esses ataques são dirigidos também a Einstein. Este se livra deles transformando-os em sonho e pensamento. Outra possibilidade seria expulsar o discípulo para longe, mas provavelmente Einstein acharia isso feio. Einstein acolhe o desespero do discípulo e o transforma, aproximando-o de outro fato mais verdadeiro: “a fórmula está errada”. E esse erro transparece através da feiura. Essa feiura é o fato selecionado vivido por Einstein, fruto de sua *experiência emocional*, que o aproximou de outra verdade: “a fórmula está errada”.

Para além da verdade que Einstein não encontrou na fórmula (mas encontrou na feiura), o episódio identifica um jovem *impaciente* que, por ser dessa forma, tem dificuldades para discriminar o estado emocional de seu mestre. Essa mesma paciência faz com que o jovem não possa tolerar que Einstein seja outra pessoa e não alguém submetido a ele, como um prolongamento de si mesmo. O fato de ser jovem, quando é mais difícil conter as emoções e pensá-las, pode ser um fator que contribui para as descargas. Como a forma de *apresentação* da fórmula manifestou esses estados emocionais, não seria improvável que Einstein – ao dar uma resposta transformadora para a invasão – tivesse levado em consideração a “feiura” vivenciada na experiência emocional do vínculo com seu discípulo.

Ao considerarmos a beleza da feiura, aproximamo-nos, de alguma forma, da *complexidade*, tema que os autores abordam com muita propriedade. Seu objetivo principal é estudar a psicanálise como uma complexidade. Para tal, desenvolvem suas próprias ideias tomando Bion como bússola. Seu estudo nos mostra vicissitudes que ocorrem quando buscamos aproximação com a verdade, mesmo sabendo que nunca chegaremos a ela, porque sempre estará à nossa frente.

Essa mesma complexidade nos fará entrar em contato com a verdade da maldade. Quando Hanna Arendt mostra que um nazista pode ser uma pessoa nada diferente de uma pessoa comum, um “pobre coitado”, ela provoca uma catástrofe psicológica considerável. Parte do *establishment* não suporta suas constatações e Hanna é denegrada e desprezada. Verdades são sempre provisórias e podem ser destruídas, modificadas, ampliadas, abandonadas. A realidade (ou verdade) é que mudanças que alteram intensamente o *status quo* provocam aversão e acionam-se rapidamente mecanismos para eliminar o novo, ou o pensador que o pensou. Isto ocorre na sociedade e também dentro de nós, em nosso mundo mental.

A constatação de que os pensamentos existem antes que se encontrem pensadores que os pensem é ilustrada nos exemplos descritos. Os fatos existiam antes que Einstein ou Hanna Arendt os pensassem. O mesmo ocorreu com a psicanálise antes de ser pensada por Freud. E, com a psicanálise pensada por Bion, antes que Bion o fizesse. Pensamentos sem pensador somente podem ser pensados quando existem mentes que suportam a catástrofe. E, também, quando essas mentes conseguem lidar com o *status quo* que deseja destruí-los. Essa ânsia de destruição será maior quanto mais novo e criativo for o pensamento. Ele pode impor-se, como ocorreu com a teoria da relatividade ou com a ideia de “banalidade do mal”, pensada por Arendt, até que surjam novos pensamentos que poderão ampliá-lo ou substituí-lo e, assim, infinitamente.

Há que lembrar que ideias totalitárias também fazem sentido e sua coerência pode ser vivenciada como esteticamente bela. Sistemas políticos/religiosos/ideológicos costumam ser altamente engenhosos em sua capacidade de desvitalizar ideias, eventualmente criativas, transformando-as em crenças, dogmas e fanatismo. Abre-se campo para a arrogância, a violência, o

desprezo e a morte. Descargas de emoções, sem consideração pelo outro, atacam a própria capacidade das emoções formarem vínculos humanos. O mesmo ocorre com a psicanálise quando ela é transformada, por dentro, num sistema de certezas que simulam religiões fanáticas.

O psicanalista se defronta com *variáveis rebeldes*. Rebeldes como a própria vida. Se o psicanalista tenta encaixá-las em referenciais simples, tais como relações causais, elas perdem sua potencialidade e vitalidade. A psicanálise perde sua capacidade subversiva. Subversão, turbulência, rebeldia e catástrofes são propriedades da mente que são ativadas no encontro com o analista. Essas características fazem parte da psicanálise. Os autores mostrarão como esses fatos se tornam potentes quando o analista aprende a conviver com incerteza, incompletude, inefabilidade, infinitude, inacessibilidade dos fenômenos mentais, características que fazem parte do pensamento complexo. O analista, em sua prática, dará conta dessa complexidade (e perceberá que faz parte dela) quando mantém um estado de mente que permita conter e *transformar* esse desconhecido em pequenos saltos que façam algum sentido. Esse sentido terá que incluir a capacidade de que ele seja abandonado, ampliado ou alterado frente a novas experiências emocionais. O analista somente poderá dar-se conta do que está ocorrendo no aqui e agora da experiência emocional.

A complexidade, estudada pelos autores, os faz constatar, com Bion, que, menos que conteúdos mentais, importam os *vínculos* que permitem a experiência emocional. O passado, que já passou, é substituído pelo presente do vínculo emocional. E o futuro é visto, também no presente, como uma sombra que o atinge. Por isso a recomendação técnica para que o analista trabalhe: “sem memória, sem desejo, sem intenção de compreender”, para que ele possa viver o que está ocorrendo da forma mais pura possível.

A complexidade da obra de Bion, e sua discussão e ampliação efetuada pelos autores deste livro, pode ser transformada em sonho-pensamento se o leitor a penetra (e se deixa penetrar) como se vivesse um sonho, da mesma forma que o psicanalista clínico trabalha no vínculo com seu paciente. Essa possibilidade, no entanto, somente será possível se o leitor é um psicanalista praticante. Essa identificação com a obra não é possível para quem não sonha a prática da psicanálise. Nestes casos, o possível leitor erudito poderá conhecer aspectos do pensamento de Bion, mas dificilmente esse pensamento fará parte intrínseca de seu ser.

O *apresentador* se dá conta, neste momento, que sua tarefa é impossível. Com Bion e os autores deste livro, ele sabe que palavras, faladas e mais ainda escritas, são muito pobres para manifestar sonhos e pensamentos. Além da pobreza, palavras também deturpam, enganam e servem para mentir. Para escapar dessas limitações, o apresentador corre o mesmo risco que o cartógrafo, personagem do conto de Jorge Luis Borges. Como ele desejava fazer um trabalho fidedigno, resolveu mapear os mínimos detalhes de uma cidade. Resultou um mapa do mesmo tamanho que a cidade e que se sobrepunha exatamente a ela. Em outras palavras, o leitor somente conhecerá o livro quando o tiver lido.

O apresentador e o leitor correm o mesmo risco do analista quando encontra um paciente. Se o profissional não puder deixar “entre parêntesis” sua possível intenção de saber sobre ele, o paciente lhe escapará e será substituído por uma criação sua (do analista), saturada de suas próprias fantasias. Não será possível uma relação íntima e verdadeira que permita o contato com o desconhecido. No entanto, o apresentador deseja recomendar a leitura do livro. Esse desejo decorre de sua admiração pelo texto e pelos autores. O leitor poderá precaver-se das *transformações* que o apresentador desejoso está efetuando, colocan-

do-as “entre parêntesis”. Dessa forma poderá vivenciar o livro por si mesmo.

Nos últimos parágrafos espero ter *apresentado* pistas sobre fatos que os autores *abordam*. Isto é, a capacidade de pensar em vértices que consideram a complexidade das transformações de um conjunto infinito que tem sido nomeado como *psicanálise*. Os autores pensam não somente a psicanálise, mas como o pensar sobre a psicanálise pode ser pensado.

Os termos *apresentar* e *abordar* indicam dois movimentos: tornar presente e, em seguida, tomar para si. Os autores – Chuster, Soares e Trachtenberg – tornam presente o pensamento de Bion e, ao tomá-lo para si, o desenvolvem. Psicanálise ocorre quando pensamentos sem pensador são pensados por psicanalistas e pacientes que desenvolveram essa capacidade. O leitor tomará para si os pensamentos dos autores, podendo repensá-los, se puder apresentar-se ao texto com a mente suficientemente vazia para poder conter o desconhecido. Nesse processo, é bastante possível que o leitor aborde ou seja abordado por outros pensamentos sem pensador, sendo estimulado a pensá-los.

O pensamento se inicia com a *imaginação*. Aquilo que não tem significado (elementos beta), trabalhado pela função-alfa, é transformado em elementos psíquicos, inicialmente imagens, como as de um sonho. O primeiro nome que Bion usou para essa conjectura foi *função-trabalho-de-sonho-alfa*. O analista, frente a fatos sem significado, os sonha e esse sonho ocorre o tempo todo, de forma similar à respiração e aos batimentos cardíacos. Bion aproveita uma intuição de Freud, que lembra que “as estrelas que vemos à noite estão aí durante o dia”. Constatemos que o termo *reverie*, que descreve o estado de mente da mãe frente a seu bebê (e se amplia para a função do analista), remete a *rêve*, sonho no francês atual. O analista sonha aquilo que o paciente não consegue sonhar.

A complexa relação entre imagens e suas transformações em pensamentos mais complexos (especificados, por ex., na Grade) pode ser vislumbrada, por exemplo, na conhecida pintura de Magritte da série “La Trahison des Images”.



A imagem de um cachimbo é acompanhada da frase “Isto não é um cachimbo” (“Ceci n’est pas une pipe”). A pintura choca o observador, que se sente confuso e perplexo. Este choque somente cessa quando se dá conta de que ele está vendo uma pintura, e não o objeto cachimbo.

Um pintor pode representar, numa tela, seus sentimentos de ódio, por exemplo, pintando uma cena de assassinato. Neste momento trabalha em área simbólica, não psicótica. Mas, se ele não pode vender a tela porque supõe que o comprador poderá matá-lo, é sua área psicótica que foi ativada.

Proponho que o leitor, que imagina estar lendo um livro, não está lendo um livro. “Isto não é um livro” seria a afirmação correspondente. Certamente o leitor, menos confuso e perplexo que o apreciador da pintura de Magritte, poderá suspeitar que o autor desta *apresentação* sofre de problemas sérios em sua capacidade de percepção e julgamento da realidade. Isto é, que sua área psicótica é dominante. Uma segunda possibilidade é que o apresentador esteja utilizando vértices de observação

ignorados. Mais uma possibilidade: que o apresentador deseje ser um provocador.

O leitor tem razão em relação à última possibilidade e poderia estar certo em relação às duas primeiras. Mas, terá que conformar-se em não ter as respostas. Mesmo o apresentador, que supõe ter algum contato com motivações que o levaram a escrever as frases acima, não tem clareza suficiente sobre os fatores que o levaram a isso. Apenas podemos observar ou intuir transformações dessa verdade. O cachimbo pintado por Magritte é uma *transformação*, efetuada na tela, do objeto que, por convenção, é chamado cachimbo. A palavra “cachimbo” (ou “pipe”) remete ao objeto, mas não é o objeto. É uma transformação, na área da nomeação simbólica, do objeto.

Alguém pode sonhar com um cachimbo. Um suposto psicanalista que utiliza “dicionário de sonhos” poderá dizer que o paciente está sonhando com um falo ou um pênis, associando a forma do objeto também a alguma fantasia própria sobre funções da boca, resultando uma imagem relacionada à “felatio”. No entanto, o sonhador poderá responder com um sorriso irônico, se vier de um lugar onde a palavra cachimbo designa genitais femininos... O Nordeste brasileiro, por exemplo.

A afirmação acima menospreza o suposto colega psicanalista e o ataca com ironias. A palavra em latim torna a agressão, carregada de rivalidade e inveja, algo hipócrita. Designar o concorrente do psicanalista – autor destas linhas – como perverso soaria bastante grosseiro. Agora, o leitor poderia confirmar a hipótese de que o apresentador, arrogante e estúpido, apresentaria sua parte psicótica.

Para o apresentador é mais interessante que seja considerado um provocador. Este aspecto foi estimulado pelo aspecto provocativo dos autores do livro. Provocação criativa, ao ampliarem o pensamento do provocador Bion, que incomoda por-

que anuncia mudanças catastróficas que envolvem saltos (ce-suras) entre o conhecido e o desconhecido. O mesmo Bion que afirma: “as duas pessoas que se encontram no consultório poderão estar mais bem analisadas ou ser mais eficientes, mas não necessariamente serão melhores pessoas”. Ou os autores deste livro, que citam Baer, que por sua vez cita uma frase de um sobrevivente do holocausto: “o único ensinamento que aprendi é que não existe nada que um ser humano não possa fazer a outro e nada que um ser humano não possa fazer por outro”. Estas frases são do mesmo teor de “Ceci n’est pas une pipe”, ao mostrar que a psicanálise não se relaciona com o desejo de tornar uma pessoa moralmente “melhor” e que um ser humano pode ser totalmente desumano. Se a desgraça da pergunta é a resposta (“La réponse est le malheur de la question”), este livro é feliz, porque indaga, problematiza, duvida, questiona e, ao provocar, estimula o pensar.

Um dos maiores desafios para o ser humano é pensar a maldade. Inclusive a maldade que ataca a capacidade de pensá-la. Os autores lançam-se corajosamente no estudo dessa área. Ao conjecturarem sobre a Grade Negativa, abordam a mentira, o simulacro, a mistificação, a dispersão, a paralisia de Hamlet, no eixo horizontal, sintagmático. No eixo vertical, a reversão da função-alfa, o vínculo parasitário, o estado confusional, o preconceito, a degeneração e empobrecimento emocional, a autodestruição e a morte. Em seguida, a abordagem complexa da ética e da moral é ampliada para o trabalho analítico. É impossível não reconhecer o fato (e sorrir com tristeza) quando os autores se referem a Nietzsche e à “*moralina*”, hipocrisia na qual a simplificação e a rigidificação ética conduzem ao maniqueísmo. Uma “ética” que destrói a ética. Lembremos que a psicanálise, ainda que sempre tenha se debruçado sobre esses aspectos, tem tido limitações importantes no pensar esta área.

Os autores também abordam, em forma ousada e original, a *imaginação radical*. Expandem para a mente primordial, aquela incapaz de simbolizar, a potencialidade imaginativa envolvendo sentimentos subtalâmicos. Conjecturas racionais e conjecturas imaginativas fazem parte de um conjunto que visa ampliar a potência do trabalho clínico.

O leitor poderá, com os autores, identificar-se com a ousadia dos saqueadores do cemitério de Ur, com os imprudentes caminhos de Édipo em busca de si mesmo, com o mortífero sono de Palinurus, com a desobediência da ingestão do fruto proibido, no Éden, com os estados confusionais decorrentes da construção da torre de Babel, com as indecisões covardes ou prudentes de Hamlet. Todos os seres humanos. As consequências catastróficas, que se apresentam provocadoramente, certamente aguçarão curiosidade sadia e consequente desenvolvimento. Com os perigos que esse desenvolvimento acarreta...